

ARTIGOS/ENSAIOS

**O discurso religioso como elemento de comunicação:
análise do santuário do Bom Jesus de Matozinhos**

Víviam Lacerda de Souza



O discurso religioso como elemento de comunicação: análise do santuário do Bom Jesus de Matozinhos¹

*Víviam Lacerda de Souza*²

RESUMO

Por meio de análise de discurso, o processo da enunciação é compreendido no contexto do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, localizado no distrito de Santo Antônio do Pirapetinga-MG. Deste modo, o mito e a folkcomunicação explicam sob aspectos teóricos as atuações do romeiro e sua religiosidade nas manifestações de ex-voto capazes de angariar novos adeptos.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Discurso; Religiosidade; Linguagem; Interlocução.

The religious discourse as an element of communication: analysis of the sanctuary of Bom Jesus de Matozinhos

ABSTRACT

Through discourse analysis, the process of enunciation is understood in the context of the Sanctuary of Bom Jesus in Matozinhos, located in the district of Santo Antonio do Pirapetinga-MG. Thus, myth and folk communication explain in theoretical aspects and the performances of their religious pilgrim in manifestations of ex-voto able to attract new fans.

KEYWORDS

Communication, Speech; Religiosity; Language; Interlocution.

¹ Trabalho apresentado no XV Congresso de Iniciação e Produção Científica, XIV Seminário de Extensão da Metodista e VIII Seminário PIBIC/UMESP de Pesquisa, nos dias 23,24 e 27 de outubro de 2012.

² Publicitária, mestre em Administração, Educação e Comunicação; doutoranda em Comunicação Social pela UMESP. E-mail: viviamlacerda@gmail.com

Contextualização do objeto

Em um ambiente cercado por montanhas, a uma altitude de 1000m, o distrito de Santo Antônio do Pirapetinga, conhecido também por Bacalhau está localizado a 12 kms de distância da cidade de Piranga, MG e se caracteriza como o maior templo espiritual do vale do Piranga. Possui um total de 2.648 habitantes em 568 domicílios³.

Em uma colina, a parte mais alta do distrito de Bacalhau, que domina todo o espaço circundante, abriga o Santuário do Senhor do Bom Jesus de Matozinhos, edificado nos meados do século XVIII e atualmente tombado Patrimônio Histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN. O santuário, por sua vez, é composto por uma igreja e casas baixas⁴ constituídas de duas pequenas salas, sendo uma delas com fogão à lenha, e aos fundos uma espécie de varanda, as quais são destinadas ao abrigo de romeiros nas ocasiões festivas do jubileu, que acontecem durante os dias 01 a 15 de agosto

O Senhor Bom Jesus de Matozinhos é uma escultura em madeira dourada e policromada atribuída a Manoel Dias, cuja dimensão é de 200 X 165 cms na imagem do Jesus preso em uma cruz de 417 X 235 cms (COELHO, 2005, p. 108-109).

Neste contexto, nos cabe estudar as mensagens produzidas pelos fiéis, as quais elucidam suas crenças e ex-voto. Trata-se de bilhetes, cartas, fotografias, esculturas de partes do corpo e outros em cera, linguagens verbais; enfim, objetos que simbolizam devoção e ex-votos de forma a contribuir com a propagação da informação e assim a fidelização dos fiéis e a angariação de novos romeiros. Para tanto, a análise se fez durante o período festivo do Jubileu no ano de 2009 e no mês seguinte, após este período. O critério de seleção da amostra de análise foram as diversas formas de ex-voto presentes no templo de devoção e para a compreensão das mensagens produzidas, analisamos atores externos, como barraqueiros, motorista, moradores da comunidade, os quais se apresentam diretamente ligados a este universo, de modo a contribuir para a manutenção do evento religioso.

³ Site: <<http://www.piranga.com.br/distritos/index.htm>. > Acesso em: 16 de agosto de 2012.

⁴ Observamos que na ocasião festiva do Jubileu os fiéis que se antecipam na chegada ao local, podem se hospedar gratuitamente nas casas baixas situadas ao redor do santuário, as quais são destinadas exatamente para este fim. Para essa estadia cada visitante traz seus pertences, alimentos, colchões, panelas para cozinhar, pratos e talheres. Em se tratando do banho e necessidades fisiológicas é disponibilizado um banheiro comunitário ao qual é cobrado uma taxa de R\$1,50 por pessoa para sua utilização. Segundo a responsável pela chave e limpeza deste banheiro comunitário, o valor arrecadado é destinado a manutenção e gastos com impostos.

Aspectos da Linguagem

Processamos a análise de discurso por meio de eventos comunicacionais, observados como textos, seja no uso da linguagem verbal, ou na atribuição de outras formas semióticas que geram uma interação e deste modo, os estudos de folkcomunicação nos auxiliam nesta análise a fim de viabilizar a melhor compreensão das mensagens emitidas.

O processo de produção de discurso se identifica por meio de um conjunto de etapas de produção textual, que por sua vez é submetida a diversas leituras e interpretações e nessa perspectiva surge o caráter ideológico de uma teoria geral da produção social de sentido e remete a um sistema de articulação entre produção, circulação e consumo. Palleiro (2008, p. 79) afirma que o funcionamento de todo discurso depende das gramáticas de produção, de reconhecimento e de circulação. Esta última, por sua parte, designa o processo pelo sistema de relações entre condições de produção de mensagens e de recepção das mesmas. Deste modo, os discursos sociais se submetem a condições diferentes de circulação e consumo, como nas comunicações massivas e sua instantaneidade que elucida a assimetria entre as condições de produção e as de recepção numa constituição histórica textual.

Pinto (2002, p. 28) diz que “definir os discursos como práticas sociais implica que a linguagem verbal e outras semióticas com que se constroem os textos são partes integrantes do contexto sócio-histórico e não alguma coisa de caráter puramente instrumental, externa às pressões sociais.”

Linguagem como interação social é ação de fazer acontecer algo que não existia anteriormente, ou seja, o dizer é um fazer, pois criamos um universo pela linguagem. Compreende-se a linguagem, neste contexto, como uma capacidade individual, a propriedade de uma pessoa. Echeverría (2011, p. 50) pontua que é na interação entre diferentes seres humanos particulares, onde surge uma precondição fundamental da linguagem: a constituição de um domínio consensual.

A linguagem, na concepção tradicional é vista como instrumento para descrever a realidade externa (o que percebemos) ou interna (o que sentimos). Deste modo, o corpo do homem, em sua dimensão significativa, é atrelado por uma rede de signos que circulam em um contexto social. Assim, todo discurso é corporal, pois qualquer intento inteligível do corpo passa pela linguagem, pelos limites da representação. O corpo representado é o universo semiótico do discurso (PALLEIRO, 2008, p. 80).

Objetivamos nessa pesquisa empírica, fazer uma avaliação da enunciação, ato de produção textual nos aspectos do contexto situacional imediato, do contexto situacional mais amplo e contexto sociocultural para compreender a relação do enunciador com o outro na interlocução, enquanto prática social constituída de representações. Para tanto, a metodologia utilizada é a análise de discurso e entrevistas⁵ qualitativas com fiéis e agentes de fidelização. Sob forma de nos auxiliar em termos de embasamento teórico para uma construção conceitual, nos valem do estudo bibliográfico e documental.

O mito e a folkcomunicação

A linguagem necessita de condições particulares para se converter em mito. Portanto, o mito se caracteriza por um sistema de comunicação, uma mensagem, ou seja, o mito é um discurso, uma fábula que a cultura cria para explicar o mundo, particularmente aspectos da vida social. Barthes (2002, p. 199) indica que o mito se trata de um modo de significação, de uma forma com limites históricos, condições de emprego e aspectos sociais.

Pensando sob esse aspecto, temos a imagem e os muitos modos de leitura e significação, a linguagem icônica dos objetos de cera e das fotografias. Por isto, o mito se constitui por representação, pressupõe uma consciência significante e pertence a uma ciência geral que inclui a linguística, a semiologia (BARTHES, 2002, p. 201). Sendo assim, os signos sugerem uma série de associações e emoções determinados pela cultura. A imagem pode então, conotar tudo dependendo do ambiente, do estado de conservação, da aparência e dos recursos usados na representação.

Em termos de discurso da mitologia (língua, fotografia, pintura, cartel, objeto e outros), postular uma significação nos conduz à semiologia, ciência das formas e das significações. Assim, o mito dos sistemas semiológicos diz respeito ao sistema linguístico, a língua e os modos de representação que são assimilados, pois é a linguagem de que o mito constrói seu próprio sistema, uma metalinguagem. Por esta razão o semiológico trata da mesma forma a escritura e a imagem, pois ambas se caracterizam por signos, alcançam o limiar do mito dotadas da mesma função significante e se constituem uma linguagem objeto (BARTHES, 2002, p. 206). Neste caso, nos propomos a chamar de objeto aqui, os bilhetes dos fiéis, as fotografias, as cartas, os objetos de cera, os testemunhos e tudo que possa representar a significação, ideia geral do mito. Assim, se um mito é uma linguagem,

⁵ Aos entrevistados reservamos o anonimato por questões éticas.

tudo pode ser um mito, como afirma Barthes (2002, p.199), pois cada objeto do mundo pode passar de uma existência muda a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade.

Estas formas representantes do mito e da significação perfazem as funções da comunicação, as quais condizem ao ato de educar, promover e divertir, refletir o viver, o querer e o sonhar dos contingentes populares marginalizados por razões e circunstâncias da civilização. Assim, a folkcomunicação nos permite compreender tais expressões de linguagem e códigos, valendo-se como um campo de estudo e pesquisa da Semiologia.

Beltrão (1980, p. 28) afirma que

a folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa.

Desse modo, no sistema de folkcomunicação as manifestações são resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão ocorre horizontalmente, pois os usuários recebem as mensagens por meio de um intermediário próprio. A recepção sem o intermediário somente acontece quando o destinatário domina seu código e técnica, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo em resposta ou na emissão de mensagens originais (BELTRÃO, 1980, p. 27). Portanto, podemos dizer que a folkcomunicação é uma disciplina científica que possibilita o estudo da comunicação popular, daqueles que estão à margem da grande mídia e que necessitam comunicar através de seu folclore, mitos e crenças; ou seja, meios os quais são utilizados para a difusão de mensagens a seus pares. Ou seja,

em termos gerais, pode-se dizer que folkcomunicação é comunicação em nível popular. Por popular deve-se entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mais precisamente, folkcomunicação é a comunicação através do folclore. (BELTRÃO, p.14, 2004)

Folkcomunicação e folclore se mostram termos distintos, apesar de correlatos. O folclore condiz às manifestações da cultura popular, abordadas pela ciência do folclore; já a folkcomunicação se relaciona com os aspectos comunicacionais destas mesmas manifestações, constituindo, um campo em consolidação na área das ciências da comunicação, como afirma Kunsch (2000, p. 113).

Aragão (2012, p. 39) pontua que a folkcomunicação possui mais expressividade entre grupos posicionados a margem do sistema político e de comunicação social. Esses grupos são denominados por Beltrão (apud Aragão, 2012, p. 39) de “rurais marginalizados,

os quais possuem isolamento geográfico onde vivem, rendimento reduzido e baixo nível intelectual; grupos urbanos marginalizados, formados por pessoas de classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso.” Já Tarsitano (1995, p. 181-182) acrescenta a existência dos grupos culturalmente marginalizados, que caracterizam a cota de contestação aos princípios, a moral ou estrutura social vigente.

Acerca destes indivíduos marginalizados Beltrão (1980, p. 59) destaca o misticismo presente na religiosidade como um dos elementos culturais e simbólicos, além da característica de solidariedade, da família e da sociedade institucional. Para ele (BELTRÃO, 1980, p.59), tais elementos estão presentes nas relações sociais cujo sentido se abriga na história da formação de classes, onde “Deus e o diabo, o bem e o mal, a virtude e o pecado, a fé e a heresia adquirem um papel sem precedentes na vivência da miséria e da dominação: são eles ritualizados no cotidiano de tal forma que se convertem na ótica pela qual se visualiza o mundo real.”

Sob o aspecto do pensamento e das aspirações dos marginalizados, Beltrão (1980, p. 60-66) nos diz que estes se utilizam dos meios denominados folk, ou seja, em manifestações coletivas e atos públicos organizados por instituições próprias, como as organizações religiosas, confrarias católicas e outros, que sob forma de tradição revestem conteúdos contemporâneos nos ritos que são consagrados pela repetição de modo a refletir as mensagens sociais.

Neste aspecto, nos discursos proferidos pelo povo em nosso estudo, os rituais se caracterizam oportunidades de comunicação com a presença do misticismo dos marginalizados, seja em festas religiosas com suas bênçãos, orações, manifestações que atraem multidões ou no culto ao Divino que é a expressão da busca do contato direto com Deus. E a fim de melhor assimilarmos o discurso que se insere neste contexto de religiosidade, nos cabe identificar a relação existente entre o sujeito e a significação.

O sujeito e a Compreensão

Entre o sujeito e a significação existe o inteligível, que se atribui ao sentido atomizante da codificação; o interpretável ou sentido que leva em conta o contexto linguístico da coesão; e o compreensível ou os sentidos considerando o processo de significação no contexto situacional, numa relação de enunciado e enunciação. Do ponto de vista discursivo, “a compreensão se instaura no reconhecimento de que o sentido é

sócio-historicamente determinado e está ligado à forma sujeito que, por sua vez, se constitui pela sua relação com a formação discursiva (ORLANDI, 2001, p.115).”

Deste modo, ao desenvolvermos uma análise de discurso não propomos um método para interpretação, apenas a problematização da relação com o texto, a explicitação dos processos de significação nele configurados e o funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, como observamos nos discursos citados a seguir.

Segundo a matéria do Caderno Informativo Ecologia & Cultura (2009, p. 10) o romeiro que participa do Jubileu do Bom Jesus de Matozinhos do Bacalhau empreende um grande esforço físico para se deslocar até o Santuário, por causa das íngremes ladeiras que cercam o palco oficial das celebrações. Estes romeiros se constituem por homens e mulheres, idosos, jovens e crianças, oriundos de diversas cidades circunvizinhas e muitas comunidades rurais da região enfrentam sob o sol quente do mês de agosto, a enorme fila dos devotos a espera do seu momento com o Bom Jesus de Matozinhos:

Num transe de piedade e paciência cada romeiro aguarda sua vez de chegar aos pés do Senhor Bom Jesus, que está crucificado atrás do altar-mor, no interior do templo. Agora ele vai cumprir seu momento-ritual ao beijar a fita do Bom Jesus⁶, fazer seu agradecimento e pedir um milagre. Eis a hora extrema. Hora de profunda intimidade entre a criatura e seu criador (CADERNO INFORMATIVO ECOLOGIA & CULTURA, 2009, p. 10).

Ao entrevistarmos⁷ um barraqueiro, que comercializa de forma ambulante seus produtos durante a ocasião do Jubileu, perguntamos se ele poderia nos descrever melhor o público freqüentador do evento e assim ele nos respondeu:

Posso dizer que o pessoal vem de Piranga, de cidades como Lamim, Ouro Preto, Mariana, de todas as cidades vizinhas, até de Viçosa eu vi gente lá. Quem vai na festa convida os outros. Tem gente que vai à cavalo, a pé, de ônibus de roça que vai pra lá... Em Piranga, no dia da festa tem ônibus toda hora.

Esta fala nos esclarece que a propaganda boca-a-boca se faz presente no momento da difusão de mensagens de modo a contribuir para a propagação do evento religioso nas mais diversas áreas geográficas. Também para o fato de que os romeiros visitantes parecem não medir esforços para o deslocamento, seja por uma crença, uma forma de entretenimento ou mesmo curiosidade.

⁶ A fita do Bom Jesus é uma tira de cetim presa à imagem, a qual os fiéis podem tocar. Há também um ritual onde os devotos levam, sob forma de ex-voto, rolos de fita de cetim para medir a imagem e depois distribuir cortes da mesma a fiéis. Esses cortes da fita de cetim com as medidas do Bom Jesus servem de conforto nos momentos de dor e sofrimento, como observado em enfermos que amarram a fita em partes do corpo afetadas por doenças.

⁷ Entrevista concedida em 04 de outubro de 2011.

Além do caráter religioso, o Jubileu do Bom Jesus de Matozinhos também é observado como uma forma de entretenimento que acontece em dois turnos por meio de missas diárias e rezas em diversos horários; também shows com bandas da região.

Há uma grande disponibilização de barracas ambulantes que comercializam produtos de baixo valor para aquisição, como roupas, brinquedos, panelas, artesanatos, utensílios de uso pessoal, alimentos e miudezas em geral. Perguntamos ao barraqueiro como é a festa do Jubileu e ele nos confirmou que esta se baseia nas missas no Santuário e nas rezas, que os fiéis formam filas enormes para ver o Bom Jesus e à noite, após o movimento religioso, o povo se desloca para as barracas, onde o movimento é mais intenso devido aos shows de forró:

À noite o forró come solto! O pessoal fala que a festa é muito boa! Pessoal mais novo gosta mais por causa do forró e os mais velhos gostam porque além das promessas, das rezas, aproveitam para fazer as comprinhas deles, comprar roupa, coisa assim. Aí no dia da festa, quem faz marmitex, comida, vende bastante! O comerciante gosta também!

Sobre as formas de divulgação, o barraqueiro nos conta que a divulgação da festa é principalmente por meio da comunicação boca-a-boca:

Os mais velhos contam pros mais novos. No caso de outras cidades, os visitantes vem pra festa por convite e quando voltam trazem outras pessoas, família. Eu mesmo conheço Bacalhau porque minha mãe é da região, ela nasceu em Piranga, como minha avó. Agora os barraqueiros vem de todo lado porque conhecem a festa e as datas certas para vender.

Perguntamos a seis moradores⁸ de Bacalhau o que a festa do Jubileu representa para eles, se tem o interesse em divulgar a festividade religiosa e o que fazem para contribuir com a difusão da informação. De acordo com as respostas, observamos que a tradição se constitui por um forte elemento que chama a atenção de pessoas de outras cidades, os visitantes: “Tradição é tudo, é fé, é o forte daqui” ou “É importante porque o Jubileu é muito antigo, eles falam que tem mais de 200 anos.” Destaca-se o caráter de hospitalidade, quando um morador diz: “É bom pra nós que mora aqui e recebe o povo que chega”. Também o caráter de subsistência na seguinte resposta: “O poder aquisitivo aqui é baixo, a festa garante a renda financeira para as famílias carentes, pois eles vendem produtos e alugam suas casas, mas o principal é a religião.” Sendo assim, os moradores têm interesse em divulgar a festividade religiosa e o fazem através do boca-a-boca, de caratazes que são afixados nos comércios, na igreja, em ônibus e cidades vizinhas,

⁸ Entrevistas realizadas em 17 de setembro de 2011.

elaborados por um grupo comunitário de apoio à igreja que colabora com a organização e programação da festa. Foi elucidado que há divulgação na rádio local de Piranga e que o Jubileu já foi divulgado uma vez, sob forma de matéria no Jornal televisivo MGTV. Entraram como agentes responsáveis pela divulgação a igreja e as lideranças políticas e comunitárias – associações para qualificar a comunicação como fraca. No entanto, um entrevistado diz que se assusta a cada ano diante do número crescente de romeiros e visitantes: “Não tem explicação! Muitos moradores convidam, conta pros outros que tem a festa.”

Esses mesmos moradores acreditam que poderiam ser distribuídos mais panfletos, fazer publicidade da festa no rádio e o benefício que ela traz para os moradores⁹, falar mais da história local, ensinar as tradições na escola. Outros falam da infra-estrutura em termos de hospedagem que compromete a divulgação. No entanto, comparam o Jubileu de Bacalhau ao de Congonhas do Campo - MG ou mesmo de Aparecida do Norte – SP, mas reconhecem que a estrutura é menor, assim como os recursos financeiros e de infra-estrutura.

Segundo relatos¹⁰ de três romeiros, os principais motivos que os levam ao Jubileu do Bom Jesus de Matozinhos, no distrito de Bacalhau é a fé e a tradição familiar que perpassa gerações, mas também a curiosidade, o entretenimento e a interação com outros romeiros: “Tem pessoas que vão por fé, tem famílias que vão por tradição de família que passa de pai pra filho. Vão todo ano. Vão pela crença e alcançam muita graça nos pés do Bom Jesus do Bacalhau.”

Estes mesmos fiéis buscam no Jubileu do Bom Jesus do Bacalhau o alcance de milagres através da divindade ou mesmo o pagamento de promessas, a paz espiritual, a energia, novas amizades e pessoas conhecidas: “Bacalhau pra mim, quando eu chego e avisto o Bom Jesus é incrível! É inexplicável! Faz parte da minha vida! Eu sinto uma energia muito forte!” Esta fala pode ser claramente explicada por meio da análise de discurso, pois nas entrelinhas percebemos o misticismo religioso falado por Beltrão nos ensinamentos de folkcomunicação; a caracterização do Bom Jesus como incrível marca a exaltação, o estado de êxtase, o auge de uma crença marcada pelos dizeres, pelos comentários que são

⁹ Na fala do morador: “traz muito benefício pros moradores, pois é uma festa de fé e o movimento aqui é o Jubileu. Pros romeiros, eles vem cumprir suas promessas. Pro comércio também é muito bom, porque o povo viajante gasta o dinheiro e assim ajuda a igreja, reforma e o dinheiro que entra no comércio não é lucro é pro Bom Jesus. Se você ver, todo lugar de milagre é pobre. Se divulga, vem visitante todo dia. Bacalhau vai ser a casa dos romeiros. Quem tem fé vem. Tinha que ser filmada a festa pra passar na televisão, pra ser mais divulgado.

¹⁰ Entrevista concedida em 01 de agosto de 2011.

propagados entre os fieis, pelas divulgações que eles mesmos fazem dos milagres e do potencial do ser divino. O fato de ser inexplicável provém do elemento abstrato, do simbólico, do que não se vê e nem se toca, esta somente no imaginário. Já o fato do entrevistado dizer que aquilo faz parte de sua vida, marca a característica da fidelidade, de um potencial propagador da informação, capaz de angariar novos fieis por onde andar.

Perguntados como esperam que estes benefícios buscados sejam alcançados mais uma vez a fé aparece como elemento principal presente nas missas, confissões e orações e sacrifícios, como diz a entrevistada: “Eu entendo o deslocamento até o Jubileu como o sacrifício por Deus. Vejo como uma doação de mim e incentivo a outros fiéis.” Já os amigos torna-se possível encontrá-los ou reencontrá-los em visitas às casas baixas onde os romeiros se hospedam ou mesmo durante a festividade.

Segundo um coordenador¹¹ da romaria do Bom Jesus, o qual atua nesta função desde 1994, na região de Bacalhau a festividade é bastante difundida, como observado no relato:

Hoje, o Jubileu de Bacalhau na região, todo mundo tem conhecimento de que acontece. As próprias cidades organizam suas romarias. Muitas vezes agente encontra a programação em algum lugar, em cartaz; mas a data é sempre a mesma. A programação agente preocupa só por causa de horário. É engraçado, o lugar não tem estrutura, mas é a tradição. O povo só vai no Bacalhau no Jubileu, vai pela fé, mas também pra passear.

Um momento crucial de nossa análise de discurso se deu na visita à sala onde se situa o Bom Jesus de Matozinhos, a sala das devoções e dos ex-votos. Local simples, pequeno em tamanho, mas repleto de cores e simbolismos presentes em fotografias de fiéis afixadas nas paredes, objetos como imagens sagradas; chaves de casas e automóveis; brinquedos; monografias de universidades; objetos de cera – pernas, pés, cabeças e outras partes do corpo; cartas; bilhetes; medalhas; roupas; sapatos; muletas; enfim, tudo o que possa representar de uma forma ou de outra o desejo por um milagre ou o agradecimento do mesmo. A então energia, relatada pelo romeiro é comprovada pelos diversos sentimentos depositados, neste pequeno local, como aflições, angústias, felicidade, esperança e sobretudo a confiança, a fé que entendemos ser o corpus da investigação, base da maioria das manifestações religiosas.

Passamos então, a pensar no ditado popular que diz que “a Fé move montanhas!” Relembramos as falas dos entrevistados, suas fisionomias, a entonação das vozes e os

¹¹ Entrevista concedida em 01 de agosto de 2011.

gestos que se fizeram presentes em cada momento do compartilhamento de suas opiniões. Num mergulho entre realidade e sonho, terra e céu, ser humano e Divindade, concreto e abstrato nos cabe dizer que a interação que ocorre no processo de interlocução entre o crente e o divino se baseia na confiança, na fidelidade, na humildade, na pretensão do alcance de uma benfeitoria, cuja garantia reside na esperança, ou na gratidão por algum acontecimento ora atribuído por milagre.

Considerações finais

Observa-se no contexto religioso a forte presença da fé atrelada ao entretenimento e as formas criativas de subsistência, cuja renda gerada pela festividade é manifestada por meio da gratidão ou oferenda ao divino. Trata-se de uma fé expressa principalmente pelos mais empobrecidos economicamente, com baixa escolaridade em sua maioria e muitas vezes marginalizados no âmbito do capitalismo global e do consumo exacerbado de bens de alto valor econômico.

Quanto aos resultados das enunciações, estes nos conduzem a ideia de que emissor e receptor se perfazem na mesma pessoa no momento em que são fiéis e agentes de difusão de mensagens. A crença do fiel faz com que ele mesmo difunda a informação do milagre ou da possibilidade dele, como uma maneira de expressar confiança para com o divino numa fé ou confiança arraigada. No entanto, acredita-se que podem estar implícitas outras motivações submersas nas manifestações, as quais estão presentes somente no íntimo de cada emissor, no subconsciente deles, nos corações, e assim, a psicologia poderia então tentar desvendar pontos mais obscuros.

Nota-se também que o discurso estabelecido na interlocução religiosa entre o divino e o fiel é de confiança, soberania e submissão, crença e gratidão, necessidade de divulgação do milagre alcançado, seja por propaganda boca-a-boca ou mesmo por meio de fotografias, objetos de cera, bilhetes e outros elementos que expressem a devoção e o ex-voto, o que contagia outros fiéis ou mesmo curiosos, estimulando-os a crer na possibilidade da transformação do sonho em realidade diante do volume de manifestações. Portanto, quanto mais manifestações de crença se puder notar ou difundir, maior será o número de fiéis adeptos. Deste modo, o ditado “é preciso ver para crer” veste a situação em questão como uma luva, pois diante dos fatos concretos caracterizados pelos milagres ou mesmo pelos devotos emissores das mensagens, há uma crença no algo abstrato que se baseia no imaginário do Bom Jesus do Matozinhos,

presente apenas em forma simbólica, mas que para os fieis tudo pode, tudo vê, possui poder milagroso que se comprova em seus feitos. Tudo isso, chamamos de fé. **RIF**

Referências

ARAGÃO, Y. P. **De simples motorista a santo. Perspectivas folkcomunicacionais em religião e cultura popular no caso do “motorista Gregório”, um santo do Piauí.** Dissertação de mestrado apresentada à UMESP, 2012.

BARTHES, Roland. **Mitologías.** 13ª ed. México DF: Siglo veintiuno, 2002.

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados.** São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia.** São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

CADERNO INFORMATIVO ECOLOGIA & CULTURA. **Jubileu do Bacalhau.** Vale do Piranga e Vale do Paraopeba: Lesma, 2009, n.4.

COELHO, Beatriz. **Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais.** São Paulo: EDUSP, 2005.

CUNHA, Paola Andrezza Bessa. **E com nossas devotas assistências e demonstrações se edificuem os mais cristãos: Educação moral e discurso pedagógico nas associações religiosas leigas – Minas Gerais, séculos XVIII e XIX.** Belo Horizonte: Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Pós graduação em Educação da UFMG, 2007.

ECHEVERRÍA, Rafael. **Ontología Del lenguaje.** Buenos Aires, Argentina: Granica, J.C.Saez, 2011.

KUNSCH, W. L. Uma contribuição para os estudos de folkcomunicação. **Comunicação & Sociedade.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo: UMESP, v.34, p. 109-127, 2000.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura.** 6ª ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Unicamp, 2001.

PALLEIRO, Maria Inés (coord.). **Formas Del Discurso – de la teoria de los signos a las prácticas comunicativas.** 2ª ed. Ampliada. Buenos Aires, Argentina: Miño y Dávila, 2008.

PINTO, José Milton. **Comunicação e Discurso.** Introdução à análise de discursos. 2ª ed. São Paulo: Hacker, 2002.

TARSITANO, Paulo Rogério. Luiz Beltrão vida e obra. **Comunicação & Sociedade.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo: UMESP, v.25, p. 165-182, 1995.